



**ANTOLOGIA
IMAGEM E LITERATURA Nº 3
- AMOR ÍNDIO -**

**Poetas e Escritores do Amor e da Paz
2014**

2014 © Coordenadores Sílvia Mota e Maria Iraci Leal

Reservados os direitos de propriedade desta edição.

Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida, sob qualquer forma, sem prévia autorização dos autores, por escrito.

Conforme a Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998, o titular cuja obra seja fraudulentamente reproduzida, divulgada ou de qualquer forma utilizada, poderá requerer a apreensão dos exemplares reproduzidos ou a suspensão da divulgação, sem prejuízo da indenização cabível (art. 102). Quem editar obra literária, artística ou científica, sem autorização do titular, perderá para este os exemplares que se apreenderem e pagar-lhe-á o preço dos que tiver vendido (art. 103). Não se conhecendo o número de exemplares que constituem a edição fraudulenta, pagará o transgressor o valor de três mil exemplares, além dos apreendidos (parágrafo único do art. 103). Quem vender, expuser à venda, ocultar, adquirir, distribuir, tiver em depósito ou utilizar obra ou fonograma reproduzidos com fraude, com a finalidade de vender, obter ganho, vantagem, proveito, lucro direto ou indireto, para si ou para outrem, será solidariamente responsável com o contrafator, nos termos dos artigos precedentes, respondendo como contrafatores o importador e o distribuidor em caso de reprodução no exterior (art. 104).

SÍLVIA MOTA (Criadora da PEAPAZ)

Endereço eletrônico: silviamota@silviamota.com.br

Endereço na Internet: <http://silviamota.ning.com>

MARIA IRACI LEAL (Administradora do Grupo “Antologia Imagem e Literatura”)

Endereço eletrônico: mayrahlealleal27@hotmail.com

Endereço na Internet: <http://silviamota.ning.com/profile/MariaIraciLeal>

Capa e editoração eletrônica: **Sílvia Mota**

Projeto gráfico e digitação: **Sílvia Mota**

SUMÁRIO

Benedito C. G. Lima. Pantanal: meu santuário	03
J. R. Messias. Amor de índio pela sua terra	04
Marcial Salaverry. Nossos indígenas	05
Maria Iraci Leal. Amor índio	06
Regina Madeira Gôda. Amor sem igual	07
Renato Sastre Pratini. Nativo	08
Rosalina Herai. Amor proibido	09
Selda Kalil. Amor índio... dono do meu coração	11

Pantanal: meu santuário

Eu gosto deste meu ambiente
cheio de águas
plantas
bichos
sons
cores
cheiros diversos
E no meio disso tudo
eu gosto de ouvir a cantilena do poeta
submergindo no verde camalote
enquanto o bote do pescador
pesca a dor da sobrevivência
ou ciência de viver
sub-aquaticamente
no meio do ambiente
ambi-ente
foneticamente inscrito na Poesia.
E do alto da Ponte de captação
quero ver o Pantanal.

Benedito C. G. Lima
Corumbá, Mato Grosso do Sul, Brasil

Amor de índio pela sua terra

A extinção de muitas populações indígenas no Brasil como também em toda a América Latina, teve seu início histórico, com a implantação da empresa colonizadora europeia.

O primeiro século da colonização, marcou a quase extinção total do tronco linguístico Tupi (litoral Nordeste e Sudeste), em território brasileiro. As terras foram ocupadas pelas lavouras de cana-de-açúcar e pela urbanização intensa. A pouca herança que sobrou, está no litoral Potiguar (RN).

Nos séculos seguintes, a "guerra aos gentios", aprofundou-se, na medida que o domínio português, penetrava no interior da colônia. As diversas nações indígenas encontradas pelos portugueses, nessa expansão, eram submetidos a lógica colonial, isto é, ou se submetiam as "tropas de resgate" ou sofriam as "guerras justas". Nações inteiras foram ou submetidas ao escravismo ou foram impiedosamente dizimadas.

Nos séculos XVIII e XIX, seguiu-se a expansão da fronteira e tribos como os Kayapo e Xavante, são quase totalmente exterminadas devido ao crescimento da agricultura e pecuária pelo Centro-Oeste, do extrativismo da borracha na Amazônia.

Nesse contexto de violência, surge, em 1910, a SPI (Serviço de Proteção ao Índio), que tinha a função de proteger os índios da violência, principalmente nas regiões de expansão de fronteira.

O SIP era chefiado pelo Marechal Cândido Rondon e tinha como lema "Morrer se for preciso, matar, nunca". Rondon pacificou diversas tribos do Centro-Oeste, mas mesmo assim, não evitou que o contato dos índios com o homem branco, dizimasse milhares de índios por diversas doenças. A SPI foi extinta em 1967, devido a denúncias de extermínio e escravização de índios, nas décadas de 1950 e 1960.

Em pleno governo golpista pós-1964, foi criada a FUNAI (Fundação Nacional do Índio), que passou a tutelar os indígenas que passam a ser considerados incapazes (do ponto de vista legal). Em 1973, O General Geisel, assina o Estatuto do Índio, que entre outras coisas, garantia aos indígenas, o direito a demarcação de suas terras. Paradoxalmente, nesta mesma época, a Amazônia Legal, passava a sofrer com o processo de ocupação/colonização, com a implantação dos grandes projetos minerais, os projetos agropecuários e as grandes rodovias federais.

O resultado dessa ocupação econômica e humana da Amazônia Legal a partir dos anos de 1970, resultaram na apropriação (muitas das vezes violenta) de milhares de quilômetros de terras indígenas.

Tribos inteiras foram desterritorializadas e deslocadas para outras áreas que nada significavam em termos culturais ou ancestrais a esses povos. Mesmo hoje, a demarcação de terras indígenas na Amazônia, sofrem pressões de grupos econômicos (reservas minerais, hídricas, biológicas etc) e militares ("Abdicação da Soberania").

Na última década, a FUNAI quantifica que cerca de dois terços das terras indígenas, foram demarcadas e mesmo assim, cerca de 85% delas, sofrem com a ocupação irregular de madeireiros, garimpeiros, fazendeiros e grileiros. Além do mais, alguns males como o alcoolismo, as drogas e a prostituição, afetam profundamente o pouco que sobrou da cultura e tradições dos indígenas no Brasil.

J. R. Messias
Belém, Pará, Brasil

Nossos indígenas

Desde criança, sempre tive atração pelo *modus vivendi* de nossos indígenas, sempre acossados e maltratados, perseguidos pelo simples fato de serem os verdadeiros donos desta nossa terrinha.

Sempre me revoltei com a maneira pela qual os indígenas sempre foram tratados.

Ora, eles já estavam aqui quando os europeus chegaram. Eles eram os donos da terra. Pelo menos é de se supor que o fossem, pois aqui estavam, embora não tivessem documentos comprovatórios da posse da terra. Talvez seja por isso que desde logo foram perseguidos.

Sempre houve tentativas para escravizá-los. Acontece que o natural espírito de liberdade dos índios, indispueram-nos ao trabalho escravo. Deixavam-se morrer, mas não trabalhavam.

Até mesmo o trabalho de catequese, desenvolvido com a melhor das intenções pelos Jesuítas, poderia ser considerado prejudicial para a cultura indígena, pois a Fé Cristã, que lhes era imposta pelos jesuítas, contrariava todos os dogmas pelos quais eles haviam vivido desde há muitas gerações.

Bem, desde essa época, até os dias de hoje, praticamente nada mudou.

Os indígenas continuam sendo perseguidos, humilhados e maltratados. De antigos donos da terra, hoje vivem confinados em Reservas Indígenas, teoricamente a eles destinadas.

Teoricamente, pois suas terras são constantemente invadidas por posseiros que querem cultivar, por madeireiros, que se dedicam à extração clandestina (interessante esse conceito de clandestinidade, pois todos sabem que ela existe, sabem quem são os extratores, e nada se faz para puni-los, além de brandas multas, que não lhes pesam nos ganhos abusivos), e, como se não bastasse, também por garimpeiros, sempre em busca de um novo filão. Sendo que estes, são os mais violentos de todos, promovendo verdadeiras chacinas nas aldeias indígenas.

Quando os “silvícolas” procuram as cidades, é que a humilhação é completa. São tratados como curiosidades, como animais num zoológico. E pior, como aconteceu recentemente numa rua de Brasília, são queimados vivos por jovens da sociedade, que promoviam “inocente” brincadeira... E depois eles é que são os selvagens... e nossa Justiça que liberta os autores de tão hediondo crime... não seremos nós, mais selvagens do que eles?

Gente, penso que é chegada a hora de se repensar na maneira de se tratar esses, que são os autênticos brasileiros. Que as autoridades, sobretudo a FUNAI (saúde de Vilasboas...), procure um tratamento mais condizente com sua condição de seres humanos (sim... apesar de índios, são seres humanos, por mais estranho que possa parecer a muita gente...).

Já ouviram falar em Fraternidade? Pois é. Os indígenas, por serem criaturas humanas, também, são filhos de Deus, também são nossos irmãos, merecendo portanto um tratamento condigno.

Sem dúvida alguma, é chegada a hora de se fazer algo em benefício dos verdadeiros donos da terra. É chegada a hora de se levantar a bandeira indígena. E isso sim, será um ato de verdadeiro patriotismo. Afinal estaremos defendendo os direitos dos mais autênticos brasileiros.

É ridículo falar-se em Fraternidade, vendo nossos irmãos indígenas, vivendo na triste situação em que se encontram. Vamos repensar tudo?

Marcial Salaverry
Santos, São Paulo, Brasil

Amor índio

Primeiro amei o sol, depois a lua
e entre as cachoeiras e sua chuva
a exuberância de tua imagem,
meu guerreiro entre as águas
num banho de pele nua...
Concede-me a divindade
a visão d'um Deus na carne,
o despertar do amor profundo!

Primeiro amei o sol, depois a lua,
para encontrar o sentido mais puro
da vida, em ti belo guerreiro...
Deus asteca de corpo e alma
encarnado na Terra,
oferenda da divindade
para mim (na cachoeira)...
Eu nativa asteca,
devota dos deuses,
me entrego
a ti na pedreira!

Salve Ometeotl: Deus da criação,
trazendo-te ao meu coração!

Maria Iraci Leal
Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil

Amor sem igual

Como é grande e belo esse indioamor.
Sentimento que nasceu na eternidade.
Corações tão embalados na bondade.
Co'a missão de amenizar uma imensa dor.
O Universo fez, traçou tão doce esfera.
Não importa qual a cor ou a idade.
Foi plantado n'alma um amor de verdade.
Para florir sempre como a primavera.
O seu sangue é forte, gerando calor.
Pactua o eterno com ferocidade.
Tornando real aquilo que é quimera.
Só o reconhece a alma que é sincera.
Um sentir marcado pela santidade.
União aceita, bênção do Senhor.

Regina Madeira Gôda
Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil

Nativo

Aqui me criei.
Aqui eu apreendi,
eu nasci ao relento,
defendo a beleza, a Mãe Natureza
eu sou filho do vento!
Tenho a força do medo,
conheço o segredo e alma dos bichos...
Eu sou seu guardião, seu amo, patrão!
Dou minha vida por isto,
eu sou seu guardião,
na há vida sem isto!
Nesta vida a gente luta, pescadores somos
dos favores da natureza.
Mãe senhora, jovem virgem...
Em teu seio prodígios,
Deus te deu como filhos, aves e peixes do mar!
Aqui me criei,
aqui caminhei, meus primeiros passos.
Defendo a caatinga, o mangue e a restinga
é isto que faço...
Sou manto da terra, água da cratera
pintada de azul e verde!
Sou as matas, os rios,
sou mar, sou navio!
Sou tudo por isto!
Sou matas, rios, sou mar...
Deus nos deu tudo isto!

Renato Sastre Pratini
São Francisco, Serra, Espírito Santo

Amor proibido

Linda jovem que passeia
Cabelos negros como as asas da graúna
Lábios como pétalas de rosas
Seios delicados
Olhos negros cheios de mistérios
Sem saber que é olhada

Brinca olhando a vastidão do verde
O mar lhe é uma incógnita
Talvez a continuação do céu
Olha com sua inocência
Pássaros coloridos que voam

Chega na alta montanha
Olha as cachoeiras
E de lá brincando com vento se lança
Mergulhando nas águas
Um encanto para os olhos
A mais bela criatura para os olhos encantados

Seca-se ao sol com preguiça
Nas mãos um pouco de mel
Saboreia o doce da vida
Vivendo no Éden

De repente escuta um barulho
Cheiro diferente de suor
Esconde-se por entre as matas
E vê um moço de olhos azuis e cabelos cor de sol

Ele a procura...Onde escondeu tão linda criatura
E ela a observá-lo intrigada com tal ser
Senta-se sob uma árvore
Desconhecendo o perigo que a tribo ali representa

Ele começa a cantar
Um canto rouco e apaixonado
Ela vai se aproximando
Daquele rapaz

Ambos tão inocentes para os perigos
Atraídos sabe-se lá por qual força do destino
Toca-lhe os cabelos negros
E beija os lábios que escorrem mel

De susto ela sai correndo
Pula no rio e vai para bem longe
Ele de longe acena

Para a visão que teve

Passa-se os dias
Os lábios queimam com o beijo
O corpo já não tão menina
Chora por acalanto

Voltam ao mesmo lugar
Correm para os braços
Um beijo tão longo acontece
Uma união que ali começará

De mãos dadas para a vida
Ambos começarão uma nova história
Costumes tão diferentes
Em terras do Brasil, terra de pindorama, terra das palmeiras
Terra de Vera Cruz
Terra de Santa Cruz

Começam a construir vidas
No ventre a semente da união de ambos
Índios de olhos claros
Portugueses de cabelos negros

Terras feitas de sonhos
Terras do Brasil
Terra de enamorados
Sob o céu anil

Rosalina Herai
Brusque, Santa Catarina, Brasil

Amor índio... dono do meu coração

Amor nativo que se adentra no meu peito
Como uma flecha certa e ousada
Acertou meu coração com maestria
Descortinando minha alma com simetria

Dentro desta guerra de desejos ardentes
Quero ser a conexão do seu sol sem interrupção
Ser o grito do seu exército selvagem e valente
Ser dona deste coração minucioso e candente

Arde fogo dentro deste amor índio
Que me excita dentro deste ardente incêndio
Atirando-me suas flechas eruditas sem contramão

Amor índio deveras ousado, sedento e guerreiro.
Veio dos céus para inflamar meu coração
Deixou suas marcas oriundas repletas de sabedoria e emoções

Selda Kalil
Malden, MA, USA

PEAPAZ
Rio de Janeiro, RJ
Brasil
2014